

Indignação e esperança: infâncias negras e as lutas cotidianas

Outrage and hope: black childhoods and everyday struggles

Indignación y esperanza: infancia negra y luchas cotidianas

Nima Imaculada Spigolon¹

GOMES, Nilma Lino, ARAÚJO, Marlene de (orgs.). **Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa**. Petrópolis: Vozes, 2023.

As produções e as pesquisas brasileiras no campo da educação para, com e em torno de crianças em geral são recentes. Especificamente, no caso das crianças negras, vão além de recentes para quase escassas.

Há um ano, organizado por Nilma Lino Gomes e Marlene de Araújo, o livro *Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa* era lançado, e em 2024 foi um dos cinco finalistas do Prêmio Jabuti Acadêmico em sua primeira edição. Mais do que um livro que reúne prefácio, apresentação sobre as autoras e os autores, foi o compêndio com seis textos, sistematizados em duas partes que preenchem as suas 200 páginas, que “[...] surge a partir de uma necessidade e urgência: produzir conhecimento que dialogue com as diversas experiências de crianças negras brasileiras [...]” (Gomes e Araújo, 2023, p. 15).

O livro se torna uma coletânea dedicada a conhecer, cada vez mais, o contexto das infâncias negras, sendo circunscrito à realidade vivenciada pelas crianças negras, pois se há crianças que aceitam e imitam o mundo no qual estão inseridas, há crianças negras que recusam, resistem e reinventam esse mesmo mundo. Assim, o conjunto de textos tem dois pontos em comum: “o respeito às crianças negras e suas infâncias” e a “indignação diante do racismo” (Gomes e Araújo, 2023, p. 15). Segundo as organizadoras, esse fenômeno perverso, estrutural e estruturante faz-se presente desde o passado colonial e escravocrata brasileiro até a contemporaneidade.

A tessitura dos textos acontece nas configurações das pesquisas no Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG, inseridas na vivência prática e pedagógica de docentes da educação básica da Rede Estadual de Minas Gerais e da Rede Municipal de Belo Horizonte. Isso tornou possível “que as pesquisas no campo das infâncias, ao destacarem a especificidade das infâncias negras, considerem as crianças negras como sujeitos de direitos, de conhecimento, de práticas e de experiências étnico-raciais” (Gomes e Araújo, 2023, p. 16), para interpretar as atrocidades e as mazelas do mundo edificadas pelos adultos.

As autoras e os autores de *Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa*, na sua maioria pesquisadores negros e pesquisadoras negras, se lembram do racismo sofrido e das estratégias para lidar e sobreviver a ele. E isso destaca que o livro está organizado em duas partes de acordo com os

¹Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. E-mail: nima@unicamp.br  <https://orcid.org/0000-0002-5427-8169>

eixos centrais das análises realizadas, a saber, “as lutas por direitos para a garantia da dignidade das infâncias negras e as vozes das infâncias negras quilombolas [...] as infâncias negras, as escolas e as mães trabalhadoras e a urgência da escuta atenta às vozes das crianças negras” (Gomes e Araújo, 2023, p. 19). A primeira parte, com quatro textos, intitula-se “Infâncias negras: lutas para a garantia de direitos e vozes quilombolas”; e a segunda, com dois textos, “Infâncias negras e famílias: vozes e imagens em movimento”.

O prefácio, de Cristina Teodoro, dá ênfase à percepção de como o campo de pesquisa sobre relações raciais e infância vem se constituindo no Brasil, e de que a luta e a resistência têm que seguir pelas e com as crianças. Em seguida, na apresentação, as organizadoras reconhecem que os estudos sobre as crianças negras e suas infâncias têm crescido gradativamente na produção teórica brasileira, e que as transformações são possíveis e que as infâncias negras mostram os caminhos.

No primeiro texto, sob o nome de “Infâncias e relações étnico-raciais: a tensa luta pela garantia de direitos em tempos antidemocráticos”, Marlene de Araújo e Nilma Lino Gomes nos instigam a refletir sobre as nossas atitudes e ações tendo em vista as crianças que desde a tenra idade “são impulsionadas a lutar pela sobrevivência, pela própria vida e pela (r)existência”. Está dividido em “Introdução”, “Estudos sociais e sociologia das infâncias: com que ideias e olhares nos dirigimos às crianças?”, “Justiças cognitiva e curricular e a formação de educadores(as) das infâncias: a urgência da problematização”, “Em busca das potencialidades das ações pedagógicas para contribuir na luta contra as injustiças” e “Referências”.

Em “O bem-viver e o ubuntu das crianças quilombolas”, segundo texto, de Patrícia Maria de Souza Santana, são abordados “os entrelaçamentos entre as visões de mundo postuladas pelos povos indígenas da América Latina, o bem-viver, e pelos povos *buntu* do continente africano, o ubuntu e algumas experiências das crianças quilombolas” (Gomes e Araújo, 2023, p. 61-62), identificando a cosmovivência como realidade para muitos e muitas que ainda insistem em se encantar pela vida.

De autoria de Maria Goreth Herédia Luz, Yone Maria Gonzaga e Ridalvo Félix de Araújo, o terceiro texto, “Hoje é dia de festa maior/êh, viva, êh, viva”!, realiza uma investigação acerca do arcabouço legislativo que institui direitos para as crianças, observando que as crianças negras não dispõem de igual proteção social nem usufruem de maneira equitativa desses direitos e oportunidades. Com seis figuras, o texto conclui que o discurso do mais velho, por meio do Festejo, restitui memórias ancestrais — africanos escravizados.

O quarto texto, “Camaradas fazem geografias negras na infância e na adolescência”, traz a autora Aline Neves Rodrigues Alves. Para ela, na escola, a intersecção entre as desigualdades socioespaciais e o racismo (estrutural e estruturante das relações sociais) é algo próximo do contexto de vida e da comunidade escolar na qual o professor atua, e o contraste do “filho do branco e do preto” apresenta sentimentos, práticas e vozes.

Já no texto de número cinco, “Lutas antirracistas: a voz das meninas negras na educação infantil”, Ademilson de Souza Soares, Lis Minelli Feital e Regina Lúcia Couto de Melo traçam a discussão do racismo presente na forma nada sutil na educação infantil, por meio de observações realizadas em brincadeiras no parquinho em duas instituições e em momentos diferentes.

O último texto, de número seis, “Infâncias de mães e de filhas/os: educação das relações étnico-raciais em famílias inter-raciais”, assinado por Tânia Aretuza Ambrizi Gebara, o foco na família, situando a educação no campo da dimensão de formação humana e cultural, “notadamente quanto aos aspectos em que se evidenciam relações sociais” (Gomes e Araújo, 2023, p. 169), cujos sujeitos são três mulheres negras (pretas e pardas) de camadas populares, mães de crianças matriculadas na rede municipal de ensino.

As autoras e os autores reposicionam profissionais da educação, especialmente professores, na relação com diferentes heranças culturais e epistemológicas — um passo importante e decisivo na formação de cada ser humano antirracista e caminhante.

Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa inaugura discussões atuais e indispensáveis para a área da educação infantil antirracista, caracterizando-se pela compreensão de um dos conceitos centrais da sociologia da infância, o de geração; enfileirando-se contra atitudes que silenciam as crianças negras e seus sofrimentos diante do racismo que estrutura a realidade e as relações sociais, e a luta para a dignidade tanto na vida quanto na educação justa para todas as pessoas.

REFERÊNCIA

GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de (orgs.). **Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa**. Petrópolis: Vozes, 2023.

Como citar este artigo: SPIGOLON, Nima Imaculada. Indignação e esperança: infâncias negras e as lutas cotidianas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 30, e300069, 2025. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782025300069>

Conflitos de interesse: A autora declara que não possui nenhum interesse comercial ou associativo que represente conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Financiamento: O estudo não recebeu financiamento.

Declaração de disponibilidade de dados: Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do artigo.

SOBRE A AUTORA

NIMA IMACULADA SPIGOLON é doutora em educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Faculdade de Educação no programa de Pós-Graduação em Educação (acadêmico e profissional) da mesma instituição. Pós-doutorado, área: história da educação (2022); doutorado em educação, área de concentração ciências sociais na educação, pela Universidade Estadual de Campinas (2014). Mestrado em educação, área de concentração: políticas, administração e sistemas educacionais, pela mesma universidade (2009). Graduação em pedagogia (2005) e bacharelado em administração (1992). Professora da Faculdade de Educação na Universidade Estadual de Campinas. Credenciada no Programa de Pós-Graduação em Educação (acadêmico e profissional). Coordenadora e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA) da Faculdade de Educação da UNICAMP; Vice-líder do Grupo de Pesquisa Educação, Feminismos e Amazônia — EduAmazônia, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), integrante do Observatório Paulo Freire, da Universidade Federal de Uberlândia, e participante do Grupo de Estudos Literatura e Ditaduras (GELD) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Recebido em 02 de agosto de 2024

Aprovado em 14 de novembro de 2024

Editor/a responsável: Décio Gatti Júnior  <https://orcid.org/0000-0002-5876-6733>